

Ressentimentos Sarney agora estão mais fortes

TARCISIO HOLANDA
Repórter Especial

Ressurgiu o clima de desconfiança entre Governo e PMDB desde que Sarney, sentindo-se desamparado por aquele partido, decidiu instituir uma liderança própria dentro do Congresso e da Constituinte, autônoma e independente das lideranças de bancadas. A decisão do Presidente de designar o deputado Carlos Sant'Anna para líder do Governo desgostou a amplos setores do PFL, inclusive seus líderes, mas provocou reações mais violentas da parte do PMDB.

O partido interpretou a instituição da liderança do Governo como uma declaração de desconfiança do Presidente em sua fidelidade. Sarney tem lá as suas razões. O PMDB não esqueceu suas frustrações, desde que perdeu a oportunidade de subir ao poder com Tancredo Neves e é obrigado a conviver com um Presidente da República que não pertence de fato ao partido — mas era adversário até recentemente.

O PMDB não esconde suas idiosincrasias. O Governo decretou a moratória, que chegou a ser bandeira de muitos líderes do PMDB, e não se viu um único aplauso do partido. Pelo contrário, há um pesado silêncio do PMDB a respeito da declaração de moratória e das dificuldades cambiais vividas pelo Brasil.

Os ressentimentos estão à flor da pele. O deputado Egidio Ferreira Lima, uma das mais puras e autênticas expressões da esquerda independente do PMDB, (veja entrevista ao lado) faz votos para que o presidente Sarney "adotasse, por meio de uma profunda e sincera conversão, a bandeira e os ideais do PMDB, que são menos da legenda do que da sociedade brasileira".

Egidio não apenas admite os desentendimentos e desencontros entre o Governo e o PMDB como os justifica, lembrando que, durante mais de 20 anos, o Presidente e o seu partido estiveram em trincheiras opostas — um defendendo e outro combatendo a ditadura militar. E vai mais longe, quando afirma que Sarney está ferindo a história

quando perde a oportunidade de fazer "um belo pacto social com a Constituinte, preferindo criar um partido para dividir o PMDB e condicionar a futura Constituição".

Egidio Ferreira Lima classifica de impatriótica a decisão de Sarney de criar em sua defesa, no Congresso e na Constituinte, um partido de sustentação para influir diretamente na elaboração da nova Carta Constitucional, considerando extremamente perturbadora essa intervenção governamental na Constituinte.

O PMDB, pelas suas figuras mais representativas, gostaria que o Governo adotasse a postura de magistrado em face da Constituinte. Como se o atual Presidente da República não tivesse o direito de influir na definição de algumas das linhas fundamentais da futura Constituição, sob pena de escrever sua própria sentença de morte.

Se Sarney lavasse as mãos, como Pilatos, estaria atuando por omissão para abreviar consideravelmente sua permanência no poder. Sarney não pode ficar indiferente às importantes decisões da Constituinte, incluindo aquela relacionada com a duração de seu mandato, ainda que deseje.

O Presidente também sofre pressão da parte mais conservadora do Governo, principalmente a alta hierarquia militar, que não esconde suas preocupações com o justificado anseio de poder dos jovens constituintes. Os militares apóiam o mandato de seis anos para Sarney e não escondem o receio de que a eleição direta do futuro Presidente da República pudesse ser antecipada para 1988.

Numa avaliação superficial da correlação de forças qualquer observador dará razão a Sarney em buscar um bloco de apoio parlamentar que lhe dê tranquilidade. E isso só é possível se o Presidente fizer o inventário dos amigos que poderá arrebatar no PMDB, independentemente do comando e de suas lideranças. O projeto de formar um bloco autônomo tem riscos, mas não resta a Sarney outra alternativa, nas atuais circunstâncias.